

Durante dois anos o fotógrafo Edgar Martins não fez praticamente mais nada a nível profissional. Só o levantamento fotográfico da Estação Espacial Europeia (ESA, em inglês) - o mais completo de sempre de uma organização de exploração espacial. Por este projecto, o artista que nasceu em Évora, mas cresceu em Macau, visitou 11 países para se deslocar a quase 20 instalações da ESA e seus parceiros. Esteve em Espanha, na Rússia e sob o calor húmido da Guiana Francesa, contou por e-mail. Tirou mais de mil fotografias e, apesar de ter sentido o impulso, não experimentou o fato de astronauta.

O resultado é o projecto "The Rehearsal of Space & The Poetic Impossibility to Manage the Infinite" ("O ensaio do Espaço e a Impossibilidade Poética de Conter o Infinito", em português): uma monografia com 90 fotografias, publicada em Maio, e uma exposição que depois de ser inaugurada a 28 de Junho na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, vai para o Rio de Janeiro e Reino Unido, entre outros. Tudo começou com um e-mail, enviado em 2012.

- Foi a primeira vez que a ESA permitiu que um artista fotografasse as suas instalações. Como o conseguiu?

Edgar Martins - Expliquei que queria produzir a mais completa descrição de sempre de uma das mais importantes organizações científicas e espaciais. Disse que acreditava que o futuro da exploração espacial exigia um contínuo diálogo social e cultural, no qual as artes podiam desempenhar um papel dinâmico e vital. A proposta foi bastante ambiciosa e não sabia de todo se seria aceite. Mais que um projecto sobre a Agência Espacial Europeia queria representar uma reflexão sobre a nossa relação com a tecnologia. Ao contrário de outras organizações, como a NASA e o CERN, a ESA ainda não tem um programa de residência artística ou um diálogo permanente com as artes e o público geral. Por isso, fiquei sensibilizado por ter acolhido o projecto.

- O Instituto Cultural (IC) de



“O espaço, o desconhecido e o infinito são coisas que nos definem”

Edgar Martins foi o primeiro fotógrafo a fazer o levantamento fotográfico da Agência Espacial Europeia.

Macau foi uma das entidades que o apoiou. Quais foram as outras?

E.M. - Reconheci desde cedo que a ESA não podia apoiar o projecto financeiramente para haver o distanciamento necessário para que fosse independente, reflexivo e

crítico. Fiquei muito contente por o IC ter reconhecido o potencial deste projecto. A minha experiência pessoal, tendo crescido em Macau e considerando-me um residente de Macau, ainda que a viver no estrangeiro [Reino Unido], é que a política de

apoio às artes no território é demasiado restritiva, pois só se apoiam projectos desenvolvidos no território ou que promovam a RAEM no estrangeiro. De forma que a decisão do IC, neste contexto, é louvável. Ainda tive apoio de instituições como o Arts

Council England, o Instituto Camões, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação EDP e Faculdade de Ciências de Coimbra, e de entidades como a Geo Capital, o Banco Espírito Santo e a Caixa Geral de Depósitos.

- Como nasceu o seu interesse

pelas questões espaciais?
E.M. - Sempre fui fascinado pelo espaço. Afinal o espaço, o desconhecido e o infinito são coisas que nos definem. Colocam-nos perante o nosso ímpeto dialéctico. Esta temática sempre teve uma ressonância muito forte em

FOTO DOS FATOS DOS ASTRONAUTAS VESTIÁRIO DOS ASTRONAUTAS NO CENTRO DE TREINO DE ASTRONAUTAS ONDE ESTÃO ARMAZENADOS OS FATOS SOKOL, YURI GAGARIN, GCTC (CIDADE DAS ESTRELAS, RÚSSIA):

OUTRA FOTO DO SIMULADOR CÂMARA DE VÁCUO GRANDE PARA SIMULAÇÃO TÉRMICA DO AMBIENTE ESPACIAL, ESA-ESTEC, NOORDWIJK, PAÍSES BAIXOS

cortesia: Edgar Martins (www.edgarmartins.com) / The European Space Agency (www.esa.int)

mim: seja a literatura que li desde criança ("A Volta da Lua" de Júlio Verne ou o "Neuromancer" de William Gibson) ou os filmes de ficção científica de exploração espacial, dos anos 1940 e 1950 que preencheram o meu imaginário.

- Disse que para tirar as fotografias precisava de negociar com os responsáveis no local. Pode dar um exemplo?

E.M. - Como todo o contacto que o pessoal da ESA tem com fotógrafos é através de eventos publicitários ou em contexto jornalístico foi necessário que se familiarizassem com a minha forma de trabalhar, que é muito mais estática, reflexiva e táctil. Na maioria dos casos foi apenas uma questão de contextualizar e explicar a necessidade que tenho de estar próximo ou no seio dos locais e tecnologia que quero fotografar, como o fazem os engenheiros e cientistas que trabalham nos projectos. Noutros casos passou por sensibilizar as pessoas à minha abordagem e ideias. Por exemplo, quando visitei o Yuri Gagarin Cosmonaut Training Centre na Rússia, apercebi-me que, no início, me deram um "tour oficial". Só quando quebrei algumas barreiras culturais, linguísticas, operacionais e burocráticas consegui aceder aos bastidores.

- Os espaços são de acesso restrito. Por que medidas de segurança e normas de higiene teve de se submeter?
E.M. - Em muitos locais foi



preciso fazer verificações de antecedentes, o que em alguns casos demorou meses a aprovar. Ainda houve necessidade de pedir autorizações adicionais no próprio local para entrar em espaços mais restritos. Para além disso, sempre que entrava nas salas limpas tinha de ir acompanhado (o que até foi bastante útil) e de cumprir medidas de higiene como vestir as fardas e vestimentas apropriadas (que por vezes tapavam tudo menos os olhos). Ainda tinha de desinfetar e limpar as máquinas e o tripé no dia anterior a cada sessão. Mesmo assim, abriam pequenas excepções porque me deixaram levar materiais e malas para as salas limpas, que jamais entrariam. Por exemplo, como coloco um pano negro por cima da cabeça quando faço a focagem na minha máquina de grande formato (tal como se fazia há 100 anos) é impossível mantê-los completamente limpos, pois atraem sempre pó. Enfim... É um pequeno exemplo de como a ESA fez os possíveis para acomodar a minha forma de trabalhar.

- Quanto tempo demorava a tirar cada fotografia. Porquê?
E.M. - Varia muito, mas entre 25 minutos a 50 minutos. Trabalhei sobretudo com máquinas de grande formato de "8x10". São máquinas grandes, pesadas e em que cada tarefa simples é demorada. Para além disso foi quase sempre fazer uso de longas exposições. As mais longas, como por exemplo de 55 minutos, deveram-se à falta de luz nos locais e ao facto de querer criar imagens hiper-reais, fotografando com aberturas muito pequenas para ter o máximo de profundidade de campo possível. Em muitos casos

usei técnicas de exposição longas usando uma fonte de luz artificial modesta como o meu flash portátil. No interior do Large Space Simulator, por exemplo, tive de usar o flash cerca de 200 vezes no espaço de uma hora. E tudo isto é imensurável. Não há nenhum fotómetro que possa dar uma ideia exacta do período de exposição ou da quantidade de vezes que temos de usar o flash. De forma que nestas situações tem de se ir experimentando.

Qual foi o local mais desconfortável onde fotografou?

E.M. - Possivelmente no Centro Espacial da Guiana Francesa. Por um lado, o tempo não ajudou pois estava muito calor e havia muita humidade. Por outro, a questão logística. Este é um centro com muito tráfego, muito dinâmico e onde trabalham várias empresas. Muitos dos espaços que queria fotografar estavam sob a alçada de mais de uma organização o que complicava a organização de cada sessão. Creio que houve também uma questão cultural: os países de administração francesa, tal como em Portugal, e ao contrário dos países nórdicos, são bastante mais burocráticos e o que traz sempre alguns desafios.

- Sendo fascinado pelo espaço, o que sentiu quando viu os fatos dos astronautas? Teve dificuldade em concentrar-se?

E.M. - Desde criança que me perguntava como se guardavam os fatos de astronautas. Não sei quando ou onde surgiu essa ideia, mas tornou-se uma obsessão com os anos. Quando descobri os fatos quase não conseguia conter o entusiasmo. Mas não sei se foi entusiasmo ou ansiedade ou uma mistura

desenvolvidos. Por outro lado, a interação com astronautas, com alguns dos quais tenho mantido contacto regular, foi uma experiência fantástica, pois tive oportunidade de lhes perguntar coisas que sempre me suscitaram curiosidade e partilhar histórias.

- O Profilaktorium [o local na Rússia onde os astronautas ficam de quarentena antes e depois das missões] era o que imaginava?

E.M. - Esse foi dos sítios que mais me surpreendeu e menos correspondeu às minhas expectativas. Estava à espera de um prédio soviético antigo, semelhante aos que existem na Star City [complexo onde os astronautas treinam], talvez até um pouco descaracterizado ou deteriorado. Mas pelo contrário deparei-me com um espaço modernista fantástico. Uma verdadeira máquina do tempo. Vim a saber depois que o Profilaktorium é um dos locais onde os astronautas cumprem a sua quarentena antes ou após missões e o quarto onde dormitem era um dos quartos onde os próprios astronautas ficavam alojados. Aí foi fácil entrar num mundo de fantasia e ficção. Por vezes até imaginava que era eu que estava em estágio ou quarentena, em antecipação a uma viagem espacial. De todos os sítios, foi um dos que certamente não esquecerei.

- Das fotografias que vi, quase nenhuma tinha pessoas. Porque decidiu não as fotografar?

E.M. - Não foi uma decisão consciente como em projectos anteriores. Por um lado, isto deveu-se a questões operacionais, pois era mais fácil fotografar os espaços quando estavam vazios. Por outro, às longas exposições. As pessoas estão nas imagens (tal como eu), mas simplesmente não são registadas pela máquina. Nos outros projectos procurei não representar pessoas para minimizar as referências temporais e proporcionar ao leitor uma "tela branca" onde este possa projectar a sua própria humanidade.

- Disse numa entrevista que se sentiu tentado a experimentar os fatos de astronautas. Arrepende-se de não o ter feito?

E.M. - Não, foi apenas um impulso. De qualquer forma, através dos locais que fotografei e das pessoas com quem falei, creio que consegui a mais completa experiência que se pode ter do espaço, sem o visitar.

- Que trabalhos está a preparar agora?

E.M. - Já iniciei um projecto fantástico com o Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses em Portugal, que vai marcar uma fase diferente no meu trabalho. **P.S.A.**

PUB

UNMASK THE TRUE VENETIAN EXPERIENCE

THE VENETIAN MACAO

2014

VENETIAN CARNEVALE

From 28 March to 13 April, celebrate the best of Venice at The Venetian Carnevale 2014, with exciting activities, spectacular Lagoon live water show and amazing entertainment. Come to The Venetian Macao now!

Free Admission For Enquiry +853 2882 8118

Free Admission For Enquiry +853 2882 8118